

Revista Brasileira de Comércio Exterior

RBCCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXI
131
Abril/Maio
Junho de 2017



POLÍTICA DE CONTEÚDO LOCAL: LIÇÕES DA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

INDÚSTRIA BRASILEIRA

- POR UMA NOVA POLÍTICA INDUSTRIAL: REFORMA OU ESTAGNAÇÃO?
- MUDANÇA DA ORIENTAÇÃO EXTERNA

MERCOSUL: CAMINHOS
PARA FOMENTAR A
AGENDA ECONÔMICA E
COMERCIAL



FUNCEX  fundação
centro de estudos
do comércio
exterior

enaex

Encontro Nacional de Comércio Exterior

2017



**INSCRIÇÕES GRATUITAS,
PROGRAMA E INFORMAÇÕES NO SITE
WWW.ENAEX.COM.BR**

**RIO DE JANEIRO
09 E 10 DE AGOSTO**

**“Reduzir Custos para Exportar,
Reindustrializar e Crescer”**

patrocínio | Diamante



patrocínio | Ouro



patrocínio | Prata



patrocínio | Bronze



apoio



apoio institucional

realização

MINISTÉRIO DA
INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR
E SERVIÇOS



Associação de
Comércio Exterior
do Brasil - AEB
Brazilian Foreign Trade Association

2 EDITORIAL

Políticas industriais e de comércio exterior em debate

Ricardo Markwald

6 Políticas de conteúdo local: a experiência internacional recente

Eduardo Augusto Guimarães

24 Reforma ou estagnação: por uma nova política industrial

Cláudio R. Frischtak

40 Mudança da orientação externa da indústria brasileira
no período recente

Samantha Cunha e Renato Fonseca

50 Caminhos para fomentar a agenda econômica e
comercial no Mercosul

Fabrizio Sardelli Panzini e Carolina Telles Matos

Mudança da orientação externa da indústria brasileira no período recente



Samantha Cunha



Renato Fonseca

Samantha Cunha

é Doutora em Economia. Atualmente é Especialista de Desenvolvimento Industrial na Gerência de Pesquisa e Competitividade da CNI

Renato Fonseca

Phd em Economia. Atualmente é Gerente-executivo de Pesquisa e Competitividade na CNI

Nos últimos 15 anos, a indústria brasileira promoveu importante reformulação na sua estratégia de integração com a economia mundial. Houve uma mudança significativa na estrutura de produção, com o uso mais intensivo de insumos importados, ou seja, com maior integração com o comércio internacional. No que diz respeito ao mercado de atuação, contudo, a mudança se deu no sentido oposto. Cresceu o foco no mercado doméstico e diminuiu a importância do mercado externo. O resultado merece atenção, pois para alguns autores o uso mais intensivo de insumos importados teria como efeito o aumento da competitividade e, conseqüentemente, das exportações.

As alterações foram estimuladas pela intensidade e duração da apreciação do real no início deste século. Entre 2002 e 2011, o real acumulou uma apreciação, em termos reais, de 49,4% em relação à cesta de moedas de seus principais parceiros comerciais.¹

A mudança dos preços relativos causada pela apreciação do real estimulou, por um lado, a substituição de insumos domésticos por importados. Por outro lado, tornou-se um entrave adicional à exportação, motivando as empresas a concentrar o destino de sua produção no mercado doméstico.

A mudança de orientação externa intensificou a dependência de insumos importados e no mercado doméstico, sobretudo nos setores de alta e média-alta intensidade tecnológica. Esses setores importaram mais que exportaram. Os setores de baixa e média-baixa intensidade tecnológica também seguiram no mesmo sentido, mas, na sua maioria, continuaram a exportar mais que importar, sobretudo os setores baseados em recursos naturais.

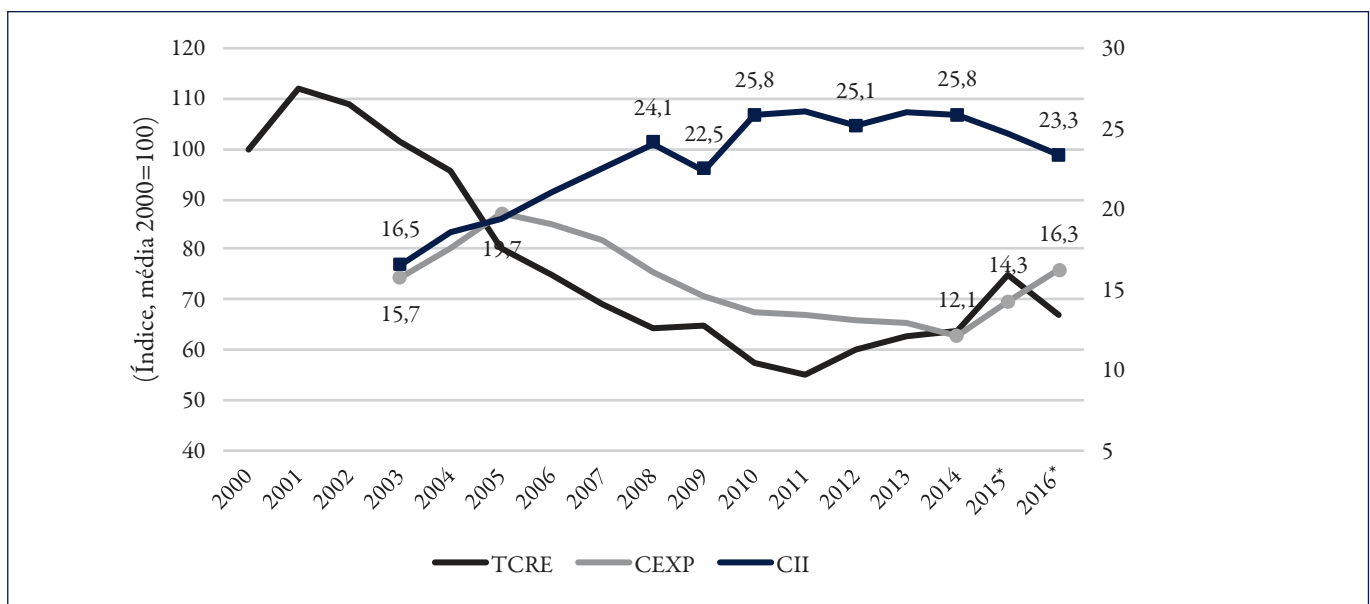
A partir de 2011, há uma reversão na evolução da taxa de câmbio e, nos últimos dois anos, a participação de importados no uso de insumos industriais – medida pelo coeficiente de insumos industriais importados – recua e a importância do mercado externo para a produção industrial nacional – medida pelo coeficiente de exportação – cresce. Não obstante, tais movimentos ainda não podem ser interpretados como uma reversão da mudança estrutural ocorrida na década anterior. O movimento no coeficiente de insumos industriais ainda é muito incipiente, enquanto a variação do coeficiente de exportação, ainda que mais intensa, deve-se mais à queda na demanda doméstica que ao crescimento das exportações.

¹ Calculado com base em dado de taxa de câmbio efetiva real da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex). Os parceiros comerciais são: Zona do Euro, Estados Unidos, Argentina, China, Japão, México, Chile, Reino Unido, Coreia do Sul, Rússia, Canadá, Paraguai e Uruguai.



GRÁFICO 1

COEFICIENTES DE INSUMOS INDUSTRIAIS IMPORTADOS E DE EXPORTAÇÃO A PREÇOS CONSTANTES E TAXA DE CÂMBIO REAL EFETIVA ** (INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO)



Fonte: Confederação Nacional da Indústria (CNI) e Funcex. Notas: *Valores de 2015 e 2016 são estimativas. ** CII=Coeficiente de insumos industriais importados; CEXP=Coeficiente de exportação e TCRE=Taxa de câmbio real efetiva.

INTENSIFICAÇÃO NO USO DE INSUMOS IMPORTADOS

Entre 2003 e 2011, o coeficiente de insumos industriais importados saltou de 16,5%, para um patamar pouco acima de 25%, a preços de 2007, no qual permaneceu até 2014. O processo de depreciação do real, que se iniciou no fim de 2011, afetou negativamente o coeficiente, mas com pouca intensidade. Estimativas para 2016

colocam o coeficiente em 23,3%. Em suma, a indústria detém atualmente uma estrutura produtiva diferente da indústria de 15 anos atrás, fazendo uso mais intensivo de insumos importados.

O processo de apreciação da moeda doméstica apresenta-se como um fator significativo para a mudança na estrutura industrial. Os insumos importados tornaram-se mais baratos em relação aos produzidos internamente, estimulando a substituição dos insumos nacionais por

importados. Não obstante, cabe ressaltar que o forte crescimento do mercado doméstico entre 2004 e 2011 também pode ter dado uma contribuição relevante para essa reorientação.² Algumas empresas podem ter saído em busca de insumos no mercado internacional não somente em virtude do diferencial de preços, mas também pela insuficiência de oferta interna, resultado do rápido crescimento da demanda doméstica.

O movimento de substituição de insumos industriais domésticos por importados alcançou praticamente toda a indústria de transformação. Dos 18 setores da indústria de transformação analisados, apenas o setor de Derivados do petróleo e biocombustíveis não registrou aumento do uso de insumos industriais importados.³

TABELA 1

COEFICIENTES DE INSUMOS INDUSTRIAIS IMPORTADOS (PREÇOS CONSTANTES, EM %)

Setores	CII		Variação (%)	CII	Variação (%)
	2003-2004	2010-2011	2003-2004/ 2010-2011	2015-2016*	2003-2004/ 2015-2016*
Indústria de transformação	17,6	25,9	48	24,0	36
Vestuário e acessórios	7,6	20,1	163	18,9	147
Madeira	3,7	8,3	124	7,4	101
Máquinas e equipamentos	11,0	23,5	114	21,1	92
Móveis e produtos diversos	9,7	20,4	111	20,5	111
Produtos de metal	6,7	14,0	108	12,3	83
Produtos têxteis	15,0	28,9	93	28,7	91
Veículos automotores	12,3	23,4	90	23,4	90
Metalurgia	16,9	30,3	79	26,5	57
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	15,7	26,3	67	25,2	60
Minerais não metálicos	9,4	15,7	67	14,2	51
Produtos de borracha e de material plástico	14,3	23,3	62	23,9	67
Couros e calçados	7,7	12,0	56	11,6	52
Celulose e papel	9,8	15,2	55	13,0	32
Impressão e reprodução	13,5	20,6	53	16,8	24
Químicos	25,8	36,0	39	36,0	39
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	32,9	43,9	33	34,4	4
Farmoquímicos e farmacêuticos	31,1	39,4	27	42,6	37
Derivados do petróleo, biocombustíveis e coque	38,2	33,6	-12	28,3	-26

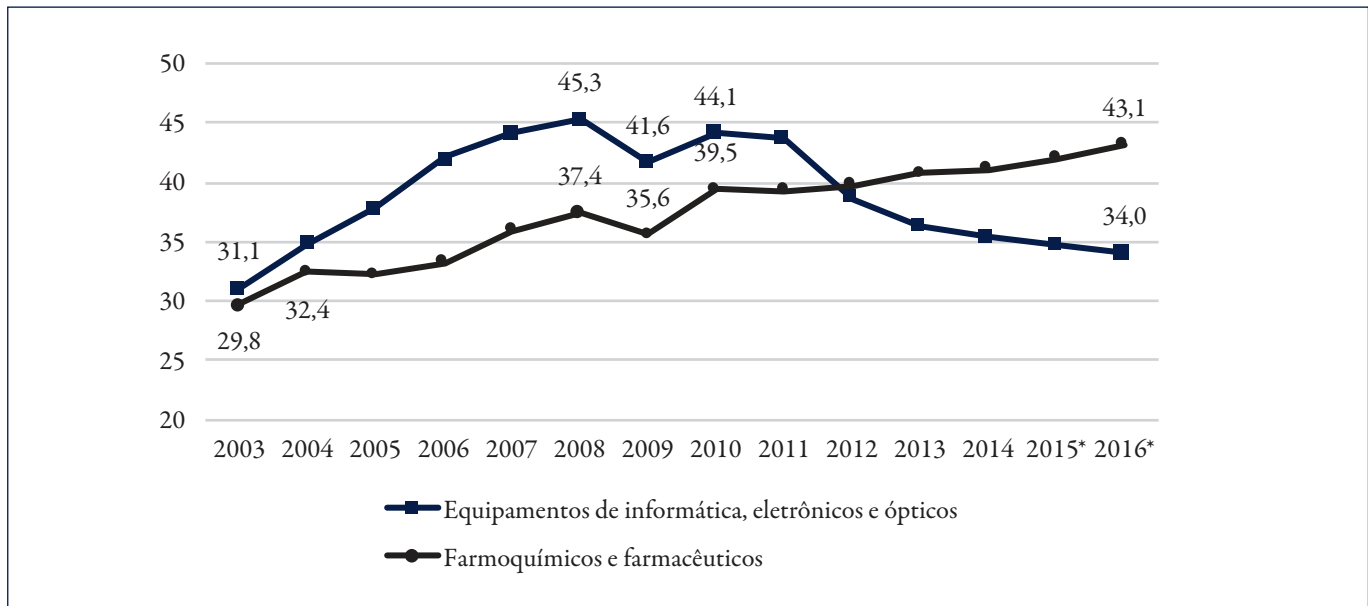
Fonte: CNI e Funcex. Nota: *Valores de 2015 e 2016 são estimativas.

² O consumo aparente de produtos manufaturados, a preços de 2007, cresceu, em média, 7% ao ano entre 2004-2008, caindo para 4,3% no quadriênio 2008-2012.

³ O cálculo do coeficiente de insumos importados não é feito para Alimentos e bebidas e Fumo devido à indisponibilidade de dados (ver a metodologia dos Coeficientes de abertura comercial da CNI-Funcex em www.cni.org.br/cac). Além disso, o setor Outros equipamentos de transporte foi excluído da análise, por se tratar de um setor muito heterogêneo e por apresentar alta volatilidade dos coeficientes (o que está relacionado ao elevado valor de produtos como aeronaves, navios e plataformas de petróleo etc., e às diferenças na contabilização dos valores de exportação – feita em um único ano – e da produção – feita em mais de um ano).

GRÁFICO 2

COEFICIENTE DE INSUMOS INDUSTRIAIS IMPORTADOS (PREÇOS CONSTANTES, EM %)



Fonte: (CNI) e Funcex. Notas: *Valores de 2015 e 2016 são estimativas.

A comparação entre os coeficientes médios dos biênios 2003-2004 e 2010-2011 aponta um crescimento de 48% no coeficiente de insumos industriais importados da indústria de transformação (Tabela 1). O percentual de crescimento variou de 27%, no setor de Farmoquímicos e farmacêuticos, até 163% no setor de Vestuário e acessórios. Além desse último, outros setores com crescimento acima de 100% são: Madeira, Máquinas e equipamentos, Móveis e produtos diversos e Produtos de metal.

Na média do biênio 2010-2011, os setores com os maiores coeficientes foram Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (43,9%); Farmoquímicos e farmacêuticos (39,4%), Químicos (36%), Derivados do petróleo e biocombustíveis (33,6%) e Metalurgia (30,3%). Esses setores também possuíam os maiores coeficientes na média do biênio 2003-2004.

A reversão da tendência de apreciação da moeda brasileira a partir do final de 2011 não foi suficiente, pelo menos até o presente, para alterar de forma significativa a mudança observada na estrutura industrial, ou seja, a maior dependência no uso de insumos importados.

As estimativas para 2015 e 2016 colocam o coeficiente de insumos industriais importados da indústria de transformação em 24,7% e 23,3%, respectivamente. Na

comparação com o biênio 2003-2004, os valores estimados para 2015 e 2016 continuam, portanto, elevados, em nível 36% superior na média.

Entre os setores que aumentaram o uso de insumos importados, apenas o setor de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos mostra reversão quase que completa desse processo. A estimativa do coeficiente médio do biênio 2015-2016 desse setor é de 34,4%, apenas 4% superior à média do biênio 2003-2004 (32,9%). Também chama atenção o setor de Farmoquímicos e farmacêuticos, cujo coeficiente manteve-se em crescimento, mesmo com a depreciação do real, como ilustrado pelo Gráfico 2.

FOCO NO MERCADO DOMÉSTICO

Em um movimento contrário ao coeficiente de insumos importados, o coeficiente de exportação caiu de 19,7% em 2005 (maior valor desde 2003), para 12,1% em 2014, ambos a preços de 2007. Há uma clara redução da exposição externa pelo lado das exportações, apesar do forte crescimento da demanda mundial. A economia mundial registrou taxas de crescimento cada vez maiores do início do século até a crise financeira de 2008/2009.⁴

⁴ Segundo estatísticas do Fundo Monetário Internacional (FMI), a taxa de crescimento da economia mundial passou de 2,5% em 2001, para 5,4% em 2004 e chega a 5,6% em 2007 (IMF, 2017).

Além da perda de competitividade imposta pela apreciação do real, o crescimento do mercado doméstico e as dificuldades ligadas a procedimentos de exportação no Brasil ajudam a explicar o foco no mercado interno. Pesquisa da CNI, realizada em 2008 com empresas exportadoras, mostrou que para 82,2% das empresas a taxa de câmbio era um dos quatro principais entraves à expansão das exportações. Outros entraves que se destacaram foram os custos portuários e aeroportuários (41,5%), burocracia alfandegária (38,7%) e custo do frete internacional (34,7%).

Entre o biênio 2006-2005 e o biênio 2013-2014, o coeficiente de exportação da indústria de transformação a preços de 2007 caiu 35%, ou seja, de 19,4% para 12,5% (Tabela 2). Entre os 21 setores analisados, 19 registraram queda no coeficiente de exportação nesse período, sendo que as maiores reduções foram registradas por: Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos e Vestuário e acessórios.

TABELA 2

COEFICIENTES DE EXPORTAÇÃO (PREÇOS CONSTANTES, EM %)

Setores	Coeficiente de Exportação		Variação (%)	Coeficiente de Exportação	Variação (%)
	2005-2006	2013-2014	2005-2006/ 2013-2014	2015-2016*	2005-2006/ 2015-2016*
Indústria de transformação	19,4	12,5	-35	15,3	-21
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	21,5	2,7	-87	3,4	-84
Vestuário e acessórios	4,9	0,7	-86	0,8	-83
Impressão e reprodução	2,1	0,6	-73	0,9	-57
Móveis	14,5	4,9	-66	6,0	-59
Veículos automotores	22,7	9,2	-60	13,7	-39
Máquinas e equipamentos	28,0	11,6	-58	13,8	-51
Madeira	43,7	19,6	-55	25,0	-43
Minerais não metálicos	12,1	5,9	-52	7,8	-36
Couros e calçados	40,2	19,7	-51	21,2	-47
Produtos diversos	17,1	8,7	-49	8,7	-49
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	15,9	8,4	-47	9,8	-38
Derivados do petróleo, biocombustíveis e coque	9,2	7,2	-21	6,8	-26
Produtos de borracha e de material plástico	9,4	6,0	-36	7,2	-24
Produtos têxteis	14,1	9,0	-36	12,4	-12
Bebidas	1,6	1,1	-27	1,2	-24
Produtos de metal	7,3	5,6	-23	6,5	-11
Metalurgia	33,6	26,0	-22	37,1	11
Alimentos	24,6	19,4	-21	20,1	-18
Químicos	11,6	9,7	-17	10,8	-8
Celulose e papel	21,0	24,6	17	29,1	39
Farmoquímicos e farmacêuticos	5,6	11,3	101	12,3	118

Fonte: CNI e Funcex. Nota: *Valores de 2015 e 2016 são estimativas.

Evoluindo em sentido contrário, Celulose e papel e Farmoquímicos e farmacêuticos registraram aumento dos respectivos coeficientes.

Também nas exportações, o esperado efeito da desvalorização do real ainda não se fez presente de maneira significativa. A estimativa do coeficiente de exportação para 2016 indica um crescimento de 12,1%, em 2014, ano

de seu menor percentual desde 2003, para 16,3% em 2016 (ambos a preços de 2007). Não obstante, a principal razão do aumento da importância do mercado externo para a indústria brasileira nesses últimos dois anos foi a queda na demanda doméstica. Na mesma base de comparação, enquanto as quantidades exportadas cresceram 11,3%, a produção industrial registrou queda de 17% (a preços de 2007) [ver Tabela 3].

TABELA 3

COEFICIENTES DE EXPORTAÇÃO E TAXAS DE VARIAÇÃO PERCENTUAL DA PRODUÇÃO, DA EXPORTAÇÃO E DO COEFICIENTE DE EXPORTAÇÃO (PREÇOS DE 2007)

Setores	Taxa de variação percentual entre 2014 e 2016*			Coeficiente de Exportação
	Produção	Exportação	Coeficiente de Exportação	2016
	R\$ de 2007			(%)
Indústria de transformação	-17,0	11,3	34,0	16,3
<i>Setores com crescimento da produção e do quantum exportado</i>				
Celulose e papel	2,0	22,5	20,1	30,4
<i>Setores com queda na produção inferior ao crescimento do quantum exportado</i>				
Impressão e reprodução	-26,1	50,8	104,0	1,2
Madeira	-3,1	29,7	33,7	26,9
Metalurgia	-14,4	19,3	39,4	38,5
Químicos	-6,6	9,0	16,7	11,2
Alimentos	-0,7	7,8	8,6	20,5
<i>Setores com queda na produção superior ao crescimento do quantum exportado</i>				
Veículos automotores	-34,3	20,4	83,3	15,5
Mínerais não metálicos	-17,8	16,4	41,5	8,5
Vestuário e acessórios	-16,5	10,8	32,7	0,9
Produtos de borracha e de material plástico	-15,8	7,2	27,4	7,7
Produtos têxteis	-19,0	5,5	30,1	12,6
Móveis	-23,3	3,8	35,3	6,5
Couros e calçados	-9,1	1,3	11,5	22,0
<i>Setores com queda no quantum exportado</i>				
Farmoquímicos e farmacêuticos	-17,5	-0,2	21,0	12,9
Produtos diversos	-12,6	-0,2	14,2	9,2
Produtos de metal	-20,3	-0,8	24,4	6,9
Máquinas e equipamentos	-24,7	-1,7	30,6	15,3
Bebidas	-7,0	-1,8	5,6	1,2
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-19,7	-3,6	20,0	10,2
Derivados do petróleo, biocombustíveis e coque	-14,0	-7,0	8,1	7,0
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-40,8	-11,2	50,1	3,6

Fonte: CNI e Funcex. Notas: *Valores de produção e do coeficiente de exportação de 2016 são estimativas.

Dos 21 setores analisados, todos registraram aumento no coeficiente de exportação entre 2014 e 2016, variando de 5,6%, no caso de Bebidas, a 104%, no caso de Impressão e reprodução. Cabe ressaltar que oito setores registraram queda no *quantum* exportado, ou seja, o crescimento do coeficiente deveu-se tão somente à queda na produção. Dos setores restantes, com aumento das exportações, sete apresentaram queda na produção mais intensa do que crescimento das exportações, de modo que o principal determinante do aumento do coeficiente de exportação foi, efetivamente, a retração da demanda doméstica.

SETORES DE MÉDIA-ALTA TECNOLOGIA: DEPENDÊNCIA DE INSUMOS IMPORTADOS SEM CONTRAPARTIDA NAS EXPORTAÇÕES

O coeficiente de exportações líquidas da indústria de transformação, que mostra o saldo entre a receita com exportações e a despesa com insumos industriais importados (ambos medidos em relação ao valor da produção), sintetiza e corrobora a mudança de natureza estrutural na indústria para alguns setores. O indicador apresentou tendência de queda entre 2005 e 2014, e chegou a quase 0%, passando de 10% na média do biênio 2005-2006 para 0,7% na média do biênio 2013-2014, a preços correntes. Como o foco desse indicador é a comparação entre receita e despesa, a análise nesta seção utiliza a série a preços correntes.

Os setores de mais alta intensidade tecnológica (Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, Farmoquímicos e farmacêuticos e Químicos) mostraram, desde 2003, coeficientes de exportações líquidas negativos, ou seja, o custo com insumos importados supera a receita com exportações. Esse modelo de orientação externa se intensificou durante o período estudado. A dependência de insumos importados aumentou, enquanto a importância das vendas externas para a produção caiu ou se manteve baixa. Desse modo, o coeficiente ampliou seu saldo negativo na comparação entre a média do biênio 2003-2004 e 2015-2016 (Tabela 4).

Máquinas e equipamentos, Veículos automotores e Máquinas, aparelhos e materiais elétricos são exemplos de setores que apresentaram queda do coeficiente de exportações líquidas devido, principalmente, ao aumento do foco no mercado doméstico. Nos setores de Veículos automotores e Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, essa mudança foi tal que o coeficiente de exportações líquidas se tornou negativo em 2009 e 2010, respectivamente. Houve reversão da tendência do coeficiente no final do período, o que está relacionado à recuperação das exportações, haja vista que o custo com importados não diminuiu, mas aumentou, em razão do efeito do câmbio depreciado sobre o preço em reais das importações. A reversão, contudo, foi insuficiente para o indicador retornar ao patamar de 2003.

Os setores de baixa intensidade tecnológica (Madeira, Celulose e papel, e Couros e calçados) se caracterizam por coeficientes de exportações líquidas positivos. São setores com elevada importância das vendas externas

TABELA 4

COEFICIENTE DE EXPORTAÇÕES LÍQUIDAS, SETORES DE ALTA E MÉDIA-ALTA INTENSIDADE TECNOLÓGICA (PREÇOS CORRENTES, EM %)

Intensidade tecnológica	Setores	2003-2004	2010-2011	2015-2016*
Setor com coeficiente positivo				
Média-alta	Máquinas e equipamentos	19,7	6,3	10,5
Setores com coeficientes próximos de zero				
Média-alta	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	6,2	-2,0	-0,7
Média-alta	Veículos automotores	12,9	-0,9	-0,9
Setores com coeficientes negativos				
Alta	Farmoquímicos e farmacêuticos	-9,1	-8,3	-12,8
Média-alta	Químicos	-5,3	-13,0	-13,3
Alta	Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-13,3	-30,4	-44,0

Fonte: CNI e Funcex. Nota: *Valores de 2015 e 2016 são estimativas.

TABELA 5

COEFICIENTE DE EXPORTAÇÕES LÍQUIDAS, SETORES DE MÉDIA-BAIXA E BAIXA INTENSIDADE TECNOLÓGICA (PREÇOS CORRENTES, EM %)

Intensidade tecnológica	Setores	2003-2004	2010-2011	2015-2016*
Setores com coeficientes positivos				
Baixa	Madeira	51,0	16,3	28,9
Baixa	Celulose e papel	18,3	16,8	25,9
Média-baixa	Metalurgia	23,0	8,9	23,1
Baixa	Couro e calçados	34,0	14,5	19,8
Setores com coeficientes próximos de zero				
Média-baixa	Minerais não metálicos	9,5	1,3	4,5
Baixa	Produtos têxteis	9,8	-0,2	2,5
Média-baixa	Produtos de metal	4,5	0,4	2,5
Baixa	Móveis e produtos diversos	13,3	-0,8	-0,7
Média-baixa	Produtos de borracha e de material plástico	0,5	-2,5	-3,1
Baixa	Vestuário e acessórios	1,0	-5,8	-6,3
Setores com coeficientes negativos				
Média-baixa	Derivados do petróleo e biocombustíveis	-14,8	-13,4	-14,0
Baixa	Impressão e reprodução	-20,0	-15,5	-22,1

Fonte: CNI e Funcex. Nota: *Valores de 2015 e 2016 são estimativas.

para a produção e menor dependência de insumos industriais importados, sendo intensivos em recursos naturais/trabalho. Durante o período considerado, eles também apresentaram a mudança estrutural comum à indústria como um todo (ou seja, aumento do custo com insumos importados e queda da receita com exportações), mas seus coeficientes de exportações líquidas permanecem positivos. Chama atenção o comportamento dos setores de Celulose e papel e Metalurgia, que, com a recuperação das exportações no fim do período, seus coeficientes de exportações líquidas alcançaram valores superiores ao registrado em 2003.

Um último grupo de setores – com coeficientes de exportações líquidas próximos de zero no biênio 2015-2016 – compreende os produtores de bens intermediários para a indústria (Minerais não metálicos, Produtos de borracha e material plástico e Produtos de Metal), setores de média-baixa tecnologia, e os setores de Produtos têxteis e de Vestuário e acessórios, de baixa tecnologia. Durante a mudança estrutural, houve aumento da dependência de insumos industriais importados, enquanto a participação

das exportações na produção se reduziu. No setor de Vestuário e acessórios, merece destaque a redução da receita com exportações: o coeficiente de exportação, a preços correntes, caiu de 7,5%, em 2003-2004, para 1,2% em 2015-2016. Nos casos de Produtos têxteis, Minerais não-metálicos e Produtos de metal, a receita com exportações apresentou crescimento mais intenso no final do período, o que explica a recuperação do coeficiente de exportações líquidas (apesar de não retornar ao patamar de 2003).

INSUMOS IMPORTADOS E COMPETITIVIDADE

A literatura econômica tem vários artigos que mostram o efeito positivo da maior utilização de insumos importados na competitividade. O acesso a bens intermediários no exterior beneficia as empresas pelo aumento da variedade, pela redução de custos e pela aquisição de insumos de maior qualidade/mais avançados, o que afetaria positivamente sua capacidade de competir.

Lisboa, Menezes Filho e Schor (2010), por exemplo, examinaram os dados da Pesquisa Industrial Anual de empresas do setor manufatureiro no período 1988-1998, e encontraram que uma queda das tarifas de importação sobre insumos está associada a um maior crescimento da produtividade da indústria brasileira.

Rahardja e Varela (2014), com base em dados do censo do setor manufatureiro da Indonésia no período 1998-2009, encontraram uma correlação forte entre o crescimento das importações de intermediários e o crescimento das exportações de manufaturados (essa correlação foi de 91% no período 2008-2010). No seu modelo empírico, uma redução da tarifa de importação de intermediários aumenta a probabilidade das firmas de produzir bens de maior qualidade.

O caso recente da indústria brasileira, no entanto, chama atenção pelo efeito aparentemente nulo que a substituição de insumos domésticos por importados teve sobre a competitividade da indústria. Como mostrado anteriormente, a indústria brasileira registrou uma mudança significativa na participação de insumos industriais importados sobre o total de insumos industriais utilizados. Ainda assim, como mostrado no Gráfico 3, o setor

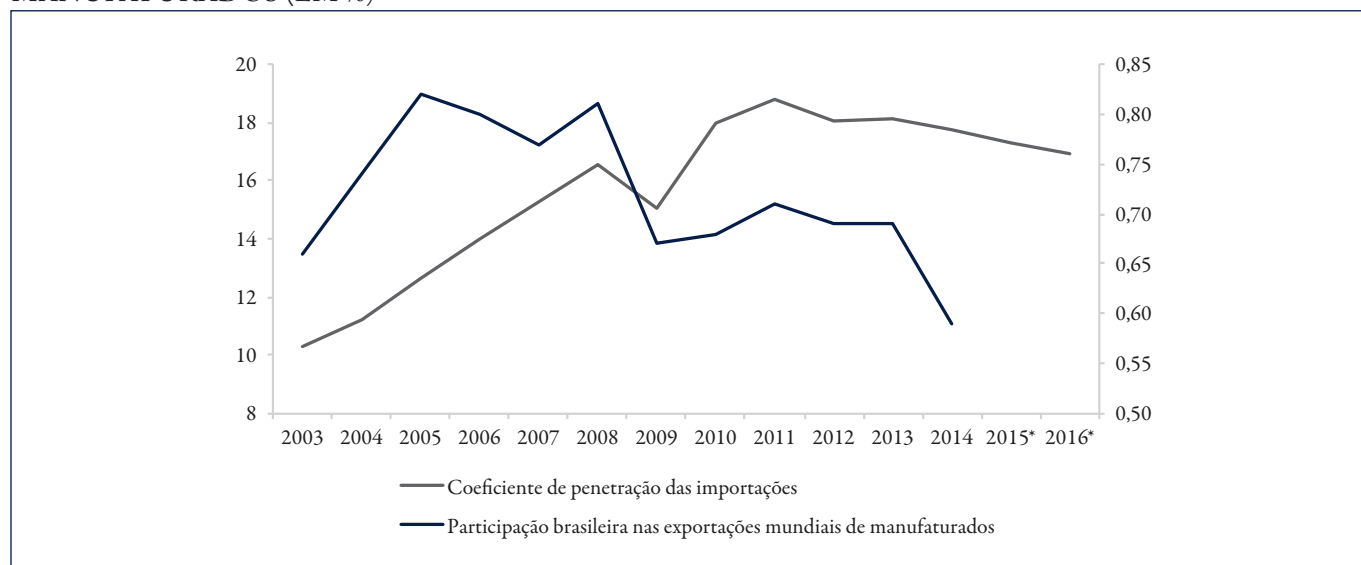
perdeu participação no mercado doméstico para produtos importados e não conseguiu ganhar mercado externo.

De fato, note-se que o coeficiente de penetração das importações para a indústria de transformação cresceu, a preços de 2007, de 10,3% em 2003, para 18,8% em 2011, recuando para 16,9% em 2016. Por sua vez, a participação brasileira nas exportações mundiais de manufaturados, após alcançar seu pico em 2005 (0,82%), cai para 0,59%, em 2014.

O aparente baixo efeito do aumento na utilização de insumos importados na competitividade da indústria merece uma investigação mais detalhada. Outros fatores podem ter mascarado o efeito sobre a competitividade. Como citado anteriormente, além da perda de competitividade imposta pela apreciação da moeda brasileira, as empresas enfrentam dificuldades resultantes da estrutura deficiente de infraestrutura e logística, das distorções causadas pelo sistema tributário e da elevada burocracia e insegurança jurídica, sobretudo, nas legislações trabalhista, tributária e de meio ambiente. Ainda que a moeda brasileira tenha iniciado um processo de depreciação, os demais entraves persistem.⁵ A questão não é simples e, infelizmente, tal análise está além do objetivo deste trabalho.

GRÁFICO 3

COEFICIENTE DE PENETRAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO A PREÇOS CONSTANTES E PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE MANUFATURADOS (EM %)



Fonte: CNI e Funcex. Nota: *Os valores de 2015 e 2016 do coeficiente de penetração das importações são estimativas.

⁵ CNI (2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança da orientação externa da indústria brasileira, estimulada pela apreciação do real a partir do início deste século, foi bastante significativa. A indústria passou a depender mais de insumos importados ao mesmo tempo que focava suas vendas no mercado doméstico. Aparentemente, o uso mais intensivo de insumos importados não melhorou a competitividade da indústria, embora tal efeito possa ter sido mascarado pela própria apreciação da moeda brasileira e os já conhecidos custos sistêmicos – Custo Brasil.


Dada a nova estrutura produtiva, a depreciação recente vem afetando a indústria de maneira diferente. Como ilustrado pela evolução do coeficiente de exportações líquidas, uma indústria que passou a importar mais e a exportar menos, tem os benefícios de uma depreciação cambial reduzidos.

A reversão da mudança estrutural ocorrida não é fácil nem desejável, pois em um mundo cada vez mais globalizado, não se pode imaginar um movimento de redução do uso de insumos importados. O grande desafio é aumentar as exportações. Para isso, certamente, é preciso retirar os entraves às exportações. O Brasil precisa melhorar sua infraestrutura e seu ambiente de negócios, e reduzir o excesso de burocracia e as inseguranças jurídicas inerentes, sobretudo, às legislações trabalhista, tributária e de meio ambiente.

Adicionalmente, é preciso tirar proveito das oportunidades de ganho de competitividade de uma indústria mais integrada ao comércio mundial. Nesse sentido, torna-se importante compreender as razões do baixo efeito do uso mais intensivo de insumos industriais importados na competitividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CNI. Pesquisa: os problemas da empresa exportadora brasileira: 2008. Brasília: CNI, 2008.
- _____. Entraves às exportações brasileiras. Brasília: CNI, 2014.
- _____. Indicadores de competitividade da indústria. Ano 1, n. 1, out. 2016.
- CNI/Funcex. Coeficientes de abertura comercial. Ano 7, n. 1, 1º sem.2017.
- IMF. World Economic Outlook Database. IMF, abr. 2017
- LISBOA, M. B.; MENEZES FILHO, N. A. ; SCHOR, A. The effects of trade liberalization on productivity growth in Brazil: Competition or Technology? Revista Brasileira de Economia, v. 64, n. 3, p. 277-289, jul./set. 2010.
- RAHARDJA, S.; VARELA, G. Nothing to fear but fear itself: evidence on imported intermediates in Indonesia. Economic Premise, Poverty Reduction and Economic Management (PREM). Network, The World Bank, N. 138, Mar. 2014.



Consultoria, pesquisa, formação de recursos humanos, estatística especializada e disseminação de informações sobre comércio exterior

Fundada em março de 1976, a Funcex adquiriu competência única no país em seu campo de atuação. Além de dedicada exclusivamente à área de comércio exterior e de economia internacional, a Funcex tem um portfólio de atividades diversificadas e complementares que lhe asseguram uma posição ímpar e lhe permitem desempenhar plenamente seu objetivo de contribuir para a promoção do comércio exterior do Brasil.

Outra característica institucional exclusiva da Funcex reside no fato de operar na interseção dos campos de interesse do setor público, do meio empresarial e das áreas acadêmicas e políticas, estabelecendo canais de diálogo e consulta entre todos esses segmentos, dotados de lógicas diversas de reflexão e de ação.

A crescente compreensão do papel do comércio exterior como instrumento de desenvolvimento econômico e social e o consenso sobre a importância de uma inserção competitiva do país na economia mundial são fatores que reforçam a pertinência de uma instituição tecnicamente isenta e reconhecida, no Brasil e no exterior, pelo pioneirismo e pela experiência acumulada em suas áreas de competência.